

ROCHA PEIXOTO

A Terra Portugueza

(CHRONICAS SCIENTIFICAS)



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
DE LELLO & IRMÃO, EDITORES
—
1887

ROCHA PEIXOTO

A Terra Portugueza

(CHRONICAS SCIENTIFICAS)



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
DE LELLO & IRMÃO, EDITORES

1897

O S. JOÃO

A festa do S. João coincide com o solstício do estio, phenomeno astronomico dos mais dominantes nos antigos cultos sideraes e ainda hoje solemnizado por todos os povos indo-europeus. As homenagens ao Sol victorioso e ao Sol fecundador, todas as superstições ligadas á grande festa astrolatrica, foram das mais persistentes através das modernas religiões; debalde se tentou extirpar do christianismo certos detricos mythicos; debalde Roma julgou um dia riscar no kalendario as vetustas solemnidades pagãs: modificadas, alteradas nos nomes, subsistiram os cultos e necessario foi transigir, acceitando praticas e formulas cuja infiltração esforço algum eliminatório conseguiu deter. O jesuita christianisaria a China, pensou alguem, se não fôra

certo escrupulo inintelligente de Roma que não permittiu a adopção de ceremonias e costumes budhicos, nem o culto dos antepassados.

Do pulpito, Santo Eloy, no seculo VII, dizia: « Eu vos peço . . . que na festa de S. João e em outras solemnidades dos santos, se não faça uso do solsticio; que se não entreguem a danças, a jogos, a corridas, a córos diabolicos. » Mais recentemente, nas *Constituições* do bispado de Lamego, datadas de 1639, escreviam: « Pode-se tambem pôr em exemplo (de superstição) no que se tem introduzido em dia de Sam João Bautista, que se colham as hervas e levem a agua da fonte para casa, ou se lave a gente e os animaes n'ella, antes do Sol nascer, mettendo a gente de pouco saber que redunde em honra e louvor do santo. »

Debalde. A grande festa ao Sol triumphante e phallico subsistiu e com ella os residuos dos cultos do fogo e das pedras, das plantas e das aguas; d'estas ultimas as virtudes crescem — nem veneno, nem poder diabolico — na universal hosanna ao astro. Impotente para destruir, a igreja procurou ou consentiu em identificações e em equivalencias: as fogueiras são, na terra, o symbolo dos fogos celestes, a grande luz que n'esta noite inflammava o ceu, nas antigas crenças; a agua do baptismo é o signal de redempção que S. João ins-

titue, como já fôra a agua colhida esta noite, a fecundadora, a divinatoria e a salvadora.

Na superstição actual é sagrada a agua, da meia noite ao romper d'alva, e, portanto, incorruptivel; pão amassado n'ella dispensa o fermento; rapariga que com ella se lave fica mais escarolada; até, na crença normanda, remoçam os velhos, só por apanharem as orvalhadas. Como na noite de S. João está benta, tira as febres e rebenta o cabello aos calvos; é a agua de longa vida; e entre todas as virtudes mais maravilhoso é ainda o seu poder divinatorio. Em Villa do Conde dirigem-se as raparigas á fonte, atiram-lhe uma pedra e cantam:

Vamos raparigas todas
Á fonte de S. João,
Vamos atirar a pedra,
Vêr se casamos ou não.

o que é affirmativo, n'esse anno, se cahe dentro. Conserva-se um bochecho d'agua na bocca, na meia noite do S. João, até que se oiça o primeiro nome de homem, que será o do noivo; de varios papeis com nomes diversos e lançados n'agua, um se mostrará aberto ao outro dia, revelando o do desposado; mas a forma final d'um ovo n'um copo cheio — navio, que significa viagem, igreja, que é casa-

mento, esquite, que traduz a morte—dá o verdadeiro futuro :

S. João, de Deus amado,
S. João, de Deus querido,
Declarae-me a minha sorte
N'este copinho de vidro.

A agua é, pois, um elemento importante nos vestigios d'esta solemnidade phallica :

S. João para vér as moças
Fez uma fonte de prata ;
As moças não vão a ella,
S. João todo se mata.

como é S. João, agora, na sua intimidade com as moças, o Sol fecundador :

À porta de S. João
Nascem rosas amarellas ;
S. João subiu ao ceu
A pedir pelas donzellas.

S. João diz que é velho,
É velho mas tem amores,
Que lhe acharam no bolso
Um raminho de flores.

S. João fôra bom santo
Se não fosse tão gaiato,
Levava as moças p'ra fonte
Iam tres e vinham quatro.

Na noite de S. João
É que é tomar amores,
Que estão os trigos nos campos,
Todos cobertos de flores.

Antes de nascer o sol apparecem nas fontes as mouras encantadas, estendendo meadas ou penteando os cabellos d'ouro e cantando. N'esta crença persiste a symbolica do sol renascendo da terra e triumphando do inverno; encanto: a luz dominada pela sombra; meadas d'ouro: a victoria plena da luz.

Na noite de S. João as orvalheiras purificam tôdas aservas, mesmo as venenosas e as malfasejas. Enramalham-se os campos e os curraes com as plantas colhidas então, para não dar mal aos gados nem o bicho nas sementeiras; a mulher que deseje o cabello comprido e basto, corta-lhe as pontas e deposita-as no rebentão das silvas; rosmaninho e funcho, alecrim e sabugueiro, servem para defumadoiros, afastam as trovoadas e livram a casa do raio; o alho afugenta o espirito maligno; o azevinho, que se vae colher, dançando em roda, tocando e cantando, é uma herva de boa sorte; emfim:

Todas aservas são bentas,
Na manhã de S. João,
Só o trevo, coitadinho,
Fica de rastos no chão.

Menos o de quatro folhas. Esse, colhido na noite de S. João e collocado sobre a pedra d'ara, faz com que se despose a pessoa desejada.

Das plantas tiram-se prognosticos relativos ao amor. Em certos paizes as raparigas compõem um ramalhete com nove flôres diversas obtidas em outros tantos terrenos differentes e collocam o depois á cabeceira da cama, cuidando em seguida de dormir e sonhar; o que virem em sonhos eis o que se realisarâ. Consultam-se as plantas, procurando presagios ácerca do esposo futuro, como se solicitam os santos dos nichos:

Oh! meu santo Elyseu,
Casar quero eu.

ou se indaga das aves:

Cuquinho da ramalheira,
Quantos annos me dás de solteira.

Chamuscada uma alcachofra na fogueira e posta depois ao relento no telhado, denuncia-rá ao outro dia, se reverdesce, a leal reciprocidade do affecto. E para avaliar em qual de ambos é mais intenso, cortam-se dois pedaços de junco muito eguaes, que representam os amantes, um dos quaes, pela manhã, se mais cresceu, assim indica quem mais sente.

Dizes que me queres bem,
Ainda o hei de experimentar;
Na noite de S. João
Junco verde hei-de cortar.

Por fim, o sentido phallico primitivo das festas transmittiu-se e ainda transparece nos mais insignificantes pretextos da colheita daservas de virtudes :

Oh ! que lindo luar faz,
Para colher a macella ;
Vamol-a colher ambinhos,
Faremos a cama n'ella.

A planta da noite de S. João não informa apenas do bom successo nos amores ; diz da boa sorte e da fortuna. De tres sementes de fava, uma inteira, outra semi-nua e a terceira descamisada, collocadas debaixo do travesseiro, uma d'ellas, aquella com que depare a mão primeiro, indicará á pessoa um-futuro rico, mediocre ou desgraçado. A Herva de Nossa Senhora apanhada n'aquella noite e pendurada em casa por intenção d'um certo, tão pouco diz da sua sorte — venturosa, se vegeta, miseravel se emmurchece.

Possuir a boliana, é ser feliz no amor e na riqueza, cuidando-a bem para que bem nos corresponda :

Boliana, minha amiga,
Verbasco, teu companheiro,
Has pedir ao meu amor
Que me dê muito dinheiro.

E' preciso, todavia, obtel-a primeiro comprada ou roubada, plantal-a em seguida com tres moedas, uma de prata, outra de cobre e outra de oiro, e dar-lhe os tres companheiros dilectos: trovisco, verbasco e bella-luz. De sete em sete annos, n'uma noite de S. João, dá uma flôr, soltando um grito, flôr que é da forma d'uma penna. E é por escreverem com ella que certos escrivães fazem fortuna.

Na meia-noite de S. João, emfim, floresce o feto real, n'um instante; para o vér florir é necessario vencer o proprio diabo; mas tambem, obtida a semente, alcança-se a faculdade de encontrar os gados perdidos e descobrir os thesouros occultos. Alcançar a flôr do feto é ter adquirido a sabedoria suprema. Momentos antes da meia-noite agita-se um botão que depois desabrocha, vermelho-sombra, illuminando tudo o que o cerca. Quemprehender colhel-o dirige-se, antes da meia-noite, para a floresta e traça uma circumferência em torno da planta e de si proprio. Vem o diabo distrahir o christão, fingindo a voz da noiva ou da mãe e por ultimo assusta-o, atirando-lhe com pedras e com arvores. Não podendo penetrar no circulo magico, se se resiste á voz e aos esforços do demonio, corta-se a flôr e esconde-se no seio. O diabo foge; para o feliz, então, já não ha thesouro que não descubra, terra que não domine, nem futuro que não desvende.

Conta uma lenda slava que uma vez um pastor passava, n'um campo, por um feto, no momento em que este florescia; cahiu-lhe a flôr no sapato; e logo o venturoso viu por onde uns bois se haviam tresmalhado. Levou-os para casa, e, em virtude da flôr, ainda descortinou um logar onde havia riquezas escondidas.

— Muda as meias, aconselhou-lhe a mulher reparando que as tinha humidas.

Attendendo-a, o pastor tirou os sapatos, a flôr cahiu e o desgraçado esqueceu tudo.

O conselho da mulher fôra o conselho do diabo.

Como a agua do baptismo foi identificada com a agua luminosa e salvadora — tambem as plantas predizem o futuro, como S. João annunciou Christo. E' um paganismo substituindo outro paganismo, mas persistindo este em vestigios, mais ou menos inconscientes e deturpados, nas grandes festas naturalistas que o povo faz no ultimo dos tres dias da mais alta ascensão solar. E' ainda o caso da Virgem substituir em certos povos as boas fadas, consagrando-se-lhe, como ás deusas ou Venus d'outr'ora,ervas eminentemente eroticas. Para o povo quasi que mudaram apenas os nomes; substituindo o sentido inicial da festa, confunde os novos mythos impostos, e deixa

sobrenadar, sem reparo, o verdadeiro espirito da sua intenção:

S. João adormeceu
 Nas escadinhas do côro,
 Deram as freiras com elle,
 Depenicaram-o todo.

Depois dos vestigios dos cultos das aguas e das plantas, distinguem-se ainda os que se filiam nos do fogo. O astro, illuminando n'este dia todo o ceu, tem, em toda a festa que se lhe consagra, o symbolo nas fogueiras. E' o galheiro ou facho da Beira Alta, nos outeiros, e as mais modestas labaredas das quintans. Nas antigas mythologias todo o ceu se inflamma no glorioso dia. Para o christianismo, S. João, precursor de Christo, é tambem a grande luz:

Em louvor de S. João,
 Que venha alumiar todo o fiel christão

ou ainda, com um vestigio mais evidente da persistencia inconsciente do mytho:

— Oh! S. João d'onde vindes
 Pelas calmas, sem chapeu?
 — Venho de vêr as fogueiras
 Que se accenderam no ceu.

O santo identifica-se com o astro.
 Como a festa é de triumpho e de fecundi-

dade, á fogueira tambem se liga uma intenção benefica ou divinatória. O nome do pobre que recebe uma moeda atirada á fogueira do S. João será o do noivo que caberá á rapariga que deu a esmola. Saltando pelas fogueiras é bom dizer:

Fogo no sargaço,
Saude no meu braço.

Fogo no rosmaninho,
Saude no meu peitinho.
Etc.

Por ultimo, é licito vêr, como pensam os ethnographos, o vestigio d'um antigo sacrificio no gato que, na Beira, se mette vivo n'uma panella e se deixa morrer assado no fogo do galheiro, enquanto os rapazes riem e gritam, n'uma alegria barbara.

A expressão que toma este episodio do polytheismo solar é a d'um combate entre o verão e o inverno, triumphando aquelle do segundo. D'entre os vestigios que ainda restam ou que se conheciam ha poucos annos, temos o auto da *Mouriscada*, (Açores) transformado em combates de mouros e christãos e promovidos pelos raptos e outras scenas de amores. Veem depois as cavalhadas e cavalgadas. Em Chaves havia a *Congregação da nobre cavallaria de S. João Baptista*, composta de cavalleiros e

peessoas de qualidade, as quaes, depois de ouvirem uma missa no dia do santo, faziam dentro da villa jogos de canna, corridas e escaramuças; d'este costume contam que só restam hoje as cantigas e o jogo do pilha-trez.

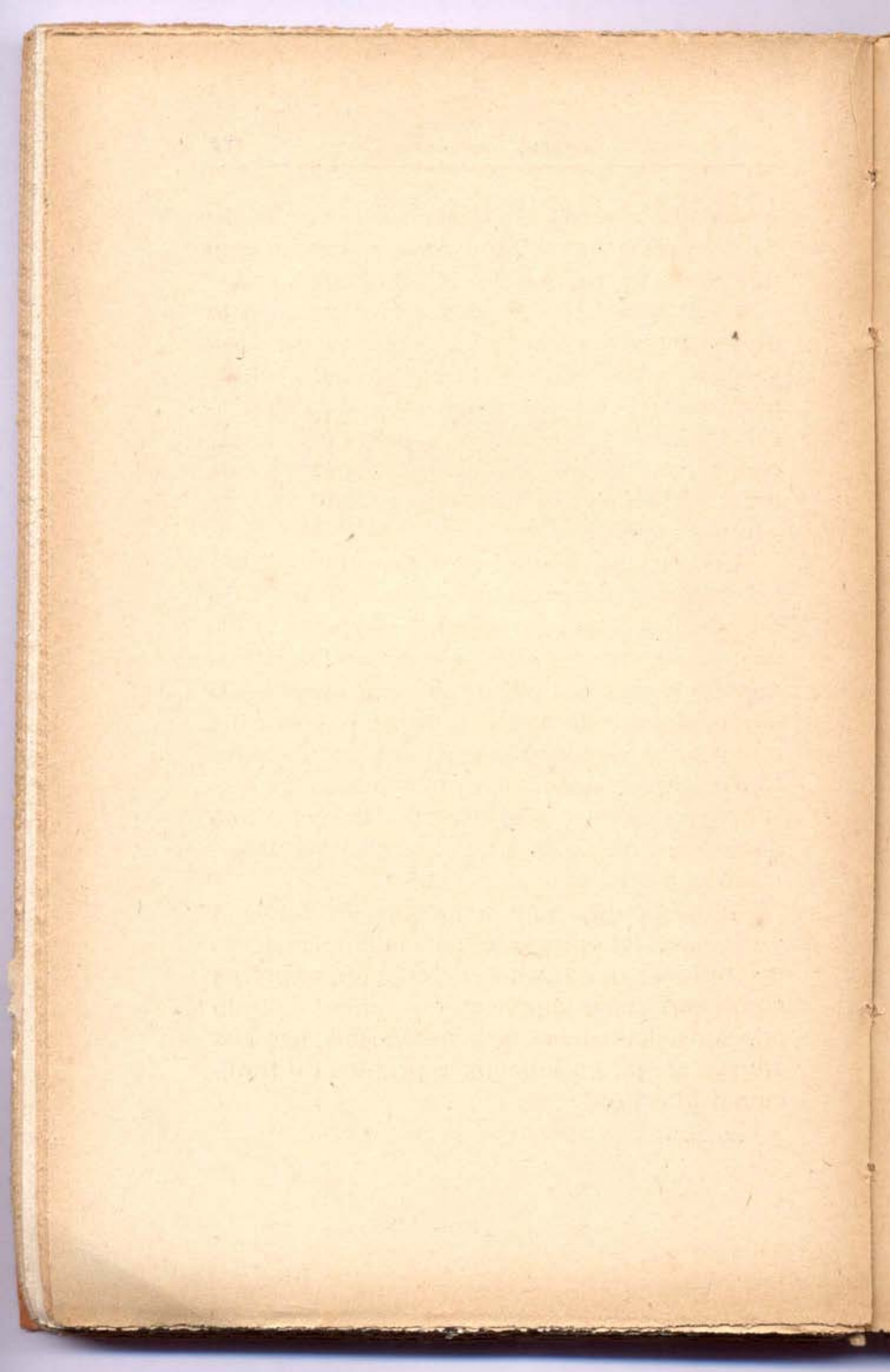
A *Festa dos Cavalleiros de Obidos*, consistia em os camaristas da localidade, de capa e volta e montados, irem na vespera de S. João depôr o estandarte no convento das Gaieiras, voltando no dia a buscal-o; depois de grandes merendas pela matta, regressavam com freixos e cannas verdes, davam tres voltas pelas ruas e assim rematava a cavalhada.

A *Corrida do porco preto*, em Braga, costume extincto ha bastantes annos, é outro vestigio das velhas festas gentilicas, como dizia Fr. Bernardo de Brito. E' d'elle esta descripção, já varias vezes transcripta: «... e quero advertir de caminho um antigo costume, que dura em nossos tempos na cidade de Braga, conservado ao que se pôde crer desde esses antigos: — ou em memoria do que succedeu no martyrio dos Santos; ou por guardar aquelle modo de festa, ainda que gentilica, todavia convertida em melhor uso. E é que em vespera de S. João Baptista se põe a cavallo a gente principal da cidade; e passando o rio Deste junto ao qual foi o martyrio dos Santos e se faziam os jogos e sacrificios de Ceres e Sylvano, fingem que emprazam um porco: —

e gastada a tarde em festas, vão no dia do Santo pela manhã fazer nova montaria com um porco negro, que lhe lá tem aparelhado: — e soltando-o lhe seguem o alcance ao som de cornetas e vozes, que representam uma verdadeira montaria, e o vem seguindo contra a cidade todo o tropel de gente: — e se ao passar do rio se lança ao vau, e passa pela agua, o dão aos moradores das azenhas que ha na mesma ribeira: — e tornando a ponte fica da gente da cidade.»

Disfarçadas, assimiladas e santificadas, estas superstições e costumes não são mais do que despojos das varias mythologias. Em todas, o phenomeno astral é objecto d'uma homenagem ou d'um culto: até o inca espreita o nascer do sol, no solsticio do verão, para lhe offerecer o *maguey* n'um grande vaso d'oiro. Em todas se exprime por um symbolo, na terra, o acontecimento sideral: a flôr que o feto dá é o sol que com a sua luz irrompe da escuridão da treva.

Velhos cultos que a imaginação humana creou por ignorancia e por temor, poderes mysteriosos que inventou e cuja furia aplaca com sacrificios, supplicas e promessas, tudo isto subsistente nos traços essenciaes, não nos affirma ainda, no homem, a primitiva e tradicional illusão?



INDICE

	Pag.
EXPLICAÇÃO PREVIA	5
I. A tatuagem em Portugal.	11
II. Ensino technico.	21
III. Passeios geologicos.	31
IV. O Bragança.	39
V. O bicho da seda.	49
VI. Antiguidades nacionaes.	59
VII. As Maias.	75
VIII. Um curso livre.	87
IX. Flora extincta.	99
X. O S. João.	109
XI. Livros d'aula.	123
XII. A inspecção militar e a anthropologia.	135
XIII. Os marmores de Vimioso.	145
XIV. Os ciganos de Portugal.	155
XV. As dunas.	167
XVI. O principe de Monaco.	179
XVII. As ostras.	189
XVIII. O museu da Restauração.	201
XIX. Carvão e ferro.	213
XX. A piscicultura em Portugal.	225
XXI. O Natal.	239
XXII. O vinho.	249
XXIII. As colonias e a opinião nacional.	261
XXIV. Ir p'r'os estudos.	271
XXV. As abelhas.	283
XXVI. O cruel e triste fado.	293

LIVRARIA CHARDRON de Lello & Irmão

98, CLERIGOS, 98

Silva Pinto		Guilomar Torrezão	
De palanque, annotações á vida portugueza contemporanea, 1 vol.	600	Pizicatos, a sahir do prelo.	
No Brazil, 1 vol.	500	Abbate de Prevost	
Os jesuitas, 1 vol.	200	Manon Lescaut, 1 vol.	500
A' hora da lucta.	400	Bernardim Ribeiro	
Alfredo Mesquita		Menina e moça, 1 vol.	500
De cara alegre.	500	Bernardin de Saint-Pierre	
Teixeira Bastos		Paulo e Virginia, 1 vol. ...	300
A crise, 1 vol.	700	Casimiro d'Abreu	
Rumores vulcanicos, 1 vol.	500	Primaveras, 1 vol.	500
Theophilo Braga e a sua obra, 1 vol.	700	Renan	
Poetas brazileiros, 1 vol. .	400	Vida de Jesus, 1 vol.	600
Interesses nacionaes, a sahir do prelo.		Apostolos, 1 vol.	600
Julio Brandão		José P. Sampaio (Bruno)	
Pharmacia Pires, 1 vol. .	500	Notas do exílio, 1 vol. ...	600
Theophilo Braga		João Chagas	
As lendas christãs, 1 vol. .	700	Diário d'um condemnado politico, 1 vol.	500
Camões e o sentimentalismo nacional, 1 vol.	600	João Barreira	
Modernas ideias da litteratura portugueza, 2 vol.	1\$500	Estudos e phantasias, 1 v. em papel de linho nacional com um <i>fusain</i> de Cellini.	700
Visão dos tempos, (epopéa da humanidade), obras poeticas completas, 4 v.	2\$400	Luiz de Magalhães	
Patria portugueza, 1 vol. .	600	Brazileiro Soares, 1 vol. .	700
Historia da litteratura portugueza: Introducção á historia da litteratura, 1 vol.	700	Arnaldo Gama	
Sá de Miranda, e a escola italiana, 1 vol.	700	Caldeira de Pero Botelho, 1 vol.	500
Bernardim Ribeiro, 1 vol.	700	Honra ou loucura, 1 vol. .	500
Gil Vicente, a sahir do prelo.		Filho do Baldaia, 1 vol. ...	600
In Memoriam — Anthero de Quental (homenagem dos seus amigos), 1 vol. em papel de algodão. . .	2\$000	Alexandre Dumas	
em papel de linho.	3\$000	A dama das camelias, 1 v.	400
		Ramalho Ortigão	
		John Bull, 1 vol.	600